



Daniel Oliveira

danieloliveira.lx@gmail.com

DESCARTÁVEIS

Só por má-fé alguém pode defender que os nossos problemas de dívida externa e de um crescimento anémico resultam do fator trabalho. Os trabalhadores portugueses não são improdutivos, como demonstram quando estão fora daqui. Os nossos salários são dos mais baixos da Europa e não têm subido acima do crescimento do PIB. O despedimento coletivo em Portugal está, como se viu na Groundforce, à distancia de um *e-mail*. É livre. E esse despedimento é o que afeta grandes empresas que se dedicam à manufatura de bens transacionáveis e com capacidade exportadora. O que é difícil é o despedimento individual. Alguém consegue explicar em que é a liberalização do despedimento individual poderia ter um efeito rápido na superação da crise que vivemos?

A liberalização do despedimento individual só tem um efeito económico rápido: a redução dos salários. Ao tornar o despedimento menos dispendioso e mais fácil o empregador ganha uma poderosa arma de pressão junto do trabalhador para, em tempo de crise, lhe reduzir o salário. Além dos efeitos devastadores que isto tem na vida dos portugueses e, por isso, na economia interna — imprevisibilidade da vida das famílias, contração do consumo e mais despesas sociais do Estado —, agravam-se os atrasos estruturais das nossas empresas: ainda maior disparidade salarial e pouca qualificação do trabalho. A recomendação da Comissão Europeia que o governo se prepara para acatar nada tem a ver com os problemas da nossa economia e com a crise. Apenas tenta aproveitar a crise para impor um velho sonho: tornar todos os trabalhadores descartáveis.